

Contação de história no ensino médio: leitura, oralidade e literatura na formação do sujeito leitor

Storytelling in high school: reading, orality and literature in the formation of the reading subject

Adlene Karla Nunes Rocha*
Secretaria de Educação do Estado da Bahia
Jequié, Bahia, Brasil

Luiza Helena Oliveira da Silva*
Universidade Federal do Tocantins
Araguaína, Tocantins, Brasil

Resumo: A contação de histórias e a leitura geralmente são apresentadas como dois aspectos aparentemente distantes da prática humana, sendo a contação uma atividade milenar, pouco praticada nos tempos modernos e a leitura muito elitizada e distante de uma política de formação leitora. Observando tal contexto, surgiu o nosso questionamento: em que medida a atividade de contação de história presente nas práticas pedagógicas das aulas de língua portuguesa do ensino médio pode contribuir para a formação leitora dos estudantes? Para nortear o presente artigo, tivemos como objetivo geral discutir a contação de história como atividade restauradora da oralidade como também estimuladora de leitura para formação do sujeito leitor nas aulas de linguagem e literatura. A metodologia utilizada revisão bibliográfica e análise de depoimentos colhidos entre estudantes do ensino médio de uma escola pública que viveu a experiência de um projeto de leitura nos anos 2017 e 2018. Como aporte teórico, foram trazidos para o debate alguns estudiosos da linguagem e da arte de contar histórias como (2014), Maria de Lourdes Patrino (2005), Paulo Freire (1989), Amadou Hampaté (2010), dentre outros. Constatou-se que contar história dos romances lidos é a moeda de duas faces desse projeto: o caminho para estimular, desafiar os estudantes à leitura dos romances; e a prática de uma das atividades mais antigas da humanidade – a contação de histórias.

Palavras-chave: Contação de histórias. Formação leitora. Literatura. Ensino Médio.

Abstract: Storytelling and reading are usually presented as two seemingly distant aspects of human practice, and counting is an activity millennial, little practiced in modern times, and reading very elitist and distant from a policy of reading formation. Observing this context, our question has arisen: to what extent can the activity of storytelling present in the pedagogical practices of the Portuguese language classes in high school contribute to the student reading education? To guide the present article, we had as general objective to discuss the history account as a restorative activity of orality and also stimulator of reading for the formation of the reader subject in the classes of language and literature. The methodology used bibliographic review and analysis of testimonies collected among high school students from a public school who lived experience reading project in the years 2017 and 2018. As a theoretical contribution, some students of the language and art of storytelling were brought to the debate such as (2014), Maria de Lourdes Patrino (2005), Paulo Freire (1989), Amadou Hampaté (2010), among others. It has been found that telling the story of the novels read is the two-sided coin of this project: the way to stimulate, challenge the students to read the novels; and the practice of one of humanity's oldest activities - the storytelling

Keyword: Storytelling. Reading training. Literature. High school.

* Professora da educação básica de Salvador-Bahia. E-mail: adlenekarla.rocha@yahoo.com.br

* Professora da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Araguaína. Desenvolve pesquisas em semiótica aplicada ao ensino de língua e literatura. E-mail: luiza.to@uft.edu.br

1 TUDO COMEÇA COM UMA HISTÓRIA

Contarei uma história que muito poderá ajudar a outros contadores de histórias que se encontram em salas de aulas e não se descobriram com esta função, se é que podemos considerar essa prática como função. É a história nossa de cada dia, a de todos nós, profissionais em educação que buscamos, incessantemente, caminhos para formação leitora dos estudantes, tendo como premissa aqui a contação de histórias.

Apresento a prática de contar histórias como premissa, por acreditar que a oralidade deva ser mais intensamente exercitada nas escolas, principalmente nas aulas de língua portuguesa, mais especificamente nas turmas de ensino médio por se tratar do objeto de pesquisa deste estudo. Esse objeto foi se constituindo dia a dia durante as dificuldades encontradas no chão da sala de aula com jovens estudantes na fase final da educação básica, que se mostravam indiferentes à leitura e à exposição oral. Tratava-se de considerar a oralidade não apenas na sua formalidade, tal como se privilegia na escola, mas principalmente em função da efetiva busca do outro para compartilhamento da própria vida, da essência humana através do diálogo, do uso da palavra falada, da palavra que leva ao encontro, à conversa, à comunhão de experiências da contação.

É por meio desse encontro, desse processo de trocas e de interação, que reconhecemos o lugar e a importância do ato de contar histórias presente em toda a existência da humanidade, atividade que faz parte da vida humana desde a nossa ancestralidade por meio da tradição oral. Partilho do pensamento de que o reconhecimento dessa atividade na formação das pessoas coloca em evidência não apenas a ação, narração oral de história, mas, principalmente, os sujeitos que a realizam - os contadores - com suas mais diversas particularidades, responsáveis diretos por proporcionar condições para compreensão da vida, do outro e de si próprio.

O contador de história não é apenas o outro. Em determinado momento de nossas vidas, cada um de nós está na posição de contadores de histórias. Afinal, somos todos contadores, temos sempre algo a contar, e a palavra, novamente, ela – a palavra - é a mais bela das vestimentas do pensamento humano. Assim sendo, corroboro com a visão de Matos (2014, p. 1) quando afirma que “os contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmo”.

Por assim acreditar, faço uso da palavra e início por contar minha história, que foi se constituindo por ouvir tantas outras histórias contadas por tantos outros contadores que por minha vida passaram, passam, e me ensinaram e ensinam a ver o mundo com o olhar cada vez mais diferenciado, mais encantado e até mesmo, em alguns momentos, decepcionado, mas mantendo sempre acesa a chama da esperança na própria palavra.

Com o uso da palavra, relato minha caminhada na busca pela formação leitora de meus alunos, a qual se iniciou há algum tempo, embora a mim pareça que foi ontem. Não digo isso porque signifique que nada mudou ou que simplesmente foi algo fácil e sem motivos de inquietações, mas em função de meu entusiasmo por esse trabalho que ainda se mantém com o mesmo espírito e a energia do início da caminhada como professora do curso primário (hoje denominado Ensino Fundamental I) em uma escola privada.

Recordo-me que a contação de história foi uma das motivações para minha admissão para lecionar em uma turma de primeira série.

Hoje, refletindo sobre minha trajetória profissional, percebo que a contação de histórias sempre foi uma atividade presente em vários momentos das aulas. Na época, de forma inconsciente, não tinha a noção da importância daquela hora da história, em que mudava o direcionamento da aula e proporcionava aprendizagens que ultrapassavam os conteúdos didáticos. Contudo, a prática de contação de histórias tornou-se mais intensa e sem tantas restrições, quando tive a oportunidade de trabalhar em outra instituição privada maior, onde a concepção de educação e leitura era mais moderna. Isso foi justamente quando passei a ministrar aulas nas classes de educação infantil.

A experiência vivenciada durante os anos que ministrei aulas e coordenei as classes de Educação Infantil e as constantes pesquisas na atividade de contação de histórias me proporcionaram condições para que fosse convidada a ministrar a disciplina *Contação de Histórias no Curso de Pós-graduação Literatura e linguagens: o texto infanto-juvenil*, no Campus XXI da UNEB na cidade de Ipiaú. A disciplina foi organizada com estudos teóricos e algumas práticas realizadas durante as aulas e teve como culminância a elaboração e execução de projetos de contação de histórias em classes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, em escola da referida cidade.

Paralelamente ao trabalho que desenvolvia com turmas da Educação Infantil, comecei a lecionar a disciplina Língua Portuguesa e Literatura na rede pública em turmas do ensino médio para jovens e adultos trabalhadores do noturno. Deparei-me com meu maior desafio profissional: pensar em uma maneira de fomentar o desejo de meus discentes, seduzindo-os para a leitura de poesias e romances, e, principalmente, fazer com que contassem as histórias lidas, aos demais colegas, compartilhando seu prazer nos textos e suas descobertas.

O início foi árduo, tendo em vista a realidade dos estudantes em relação aos fatores tempo/motivação. Muitas foram as estratégias a fim de envolver o maior número possível de alunos com o objetivo de contagiarem os colegas com a experiência vivenciada. No entanto, a partir do momento em que me predispus a contar com mais frequência histórias diversas, principalmente de romances literários, surgiram os primeiros sinais de interesse por parte dos estudantes em participar da proposta de leitura e contação, tornando posteriormente essa atividade permanente, durante as unidades letivas.

A experiência na pós-graduação no *campus XXI* da UNEB inquietou-me e instigou-me ainda mais em relação ao meu projeto de leitura e contação de história nas minhas turmas do Ensino Médio. Há sete anos leciono nessas turmas, no turno matutino, e venho realizando o projeto de formação leitora, no qual, a partir da leitura de romances, dá-se a socialização dos textos mediante a contação das narrativas lidas, primando pelo protagonismo dos estudantes.

Hoje constato que a contação de história sempre se fez presente na minha caminhada profissional como professora de Língua Portuguesa e Literatura e, nessa experiência em sala de aula, dois aspectos sempre me chamaram a atenção na relação com os estudantes: a leitura e a oralidade. O primeiro, por ser fundamental nas sociedades

modernas letradas; e o segundo, por conta da carência de práticas mais voltadas a esta atividade, uma das primeiras formas de comunicação do homem, a qual lhe permite ampliação de visão de mundo e troca de experiências com seu semelhante através da socialização.

Diante dessa vivência com a literatura clássica lida como material para ser socializado, muitas vezes me inquietou a atividade de contação de histórias como perspectiva de oralidade e atividade que poderiam quebrar a indiferença dos estudantes pela leitura. Surgiu assim minha pergunta de pesquisa: Em que medida a atividade de contação de história presente nas práticas pedagógicas das aulas de língua portuguesa do ensino médio pode contribuir para a formação leitora dos estudantes?

Em consonância com meu questionamento, o decorrer dos encontros, com o aprofundamento teórico, em contato com alguns contadores de histórias, refletindo e confrontando os diversos resultados das práticas em sala de aula, tive comprovações da importância de restaurar a prática de contação de histórias, independente da faixa etária, para o maior objetivo a que me propunha em toda a minha caminhada profissional que é a formação leitora de meus alunos como sujeitos dessa ação.

A partir dessas considerações, o objetivo deste artigo foi discutir a contação de história como atividade restauradora da oralidade e, também, estimuladora de leitura para formação do sujeito leitor nas aulas de linguagem e literatura. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo com análise de depoimentos colhidos entre estudantes do ensino médio de uma escola pública que vivenciaram essa experiência.

Nossa discussão foi organizada em duas seções: na primeira seção, tratei da importância da palavra, a linguagem oral e a arte de contar histórias – a palavra arte; e na segunda, analisei alguns depoimentos de estudantes que participaram do projeto leitura e contação de histórias nas aulas de literatura.

Assim sendo, para a discussão teórica selecionamos como aporte alguns estudiosos da linguagem e da arte de contar histórias como Lajolo (2000), Matos (2014), Patrino (2005), Freire (1989), Hampâté Bá (2010), dentre outros.

A certeza de que estava trilhando por caminhos de estudo condizentes com minhas inquietações foi constatada ao fazer parte do grupo de estudantes da disciplina “Contação de história e leitura na constituição do sujeito leitor”, na condição de aluno especial do curso de pós-graduação da UNEB.

2 DA PALAVRA, DA LINGUAGEM ORAL E DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.

“No princípio era o verbo, e o verbo estava junto com Deus, e o verbo era Deus” (Bíblia Sagrada, 1971, Jo 1,1). Através dessas palavras, o apóstolo João já anunciava o verbo como o princípio de tudo, constituindo o próprio Deus. O verbo/palavra diz respeito, assim, à essência fundamental do divino.

Em outra passagem, encontramos a concepção do mundo pela linguagem, que vai atravessar ainda a própria concepção da humanidade. Como lemos na Bíblia, no livro do

Gênesis (1,1-2): “E disse Deus: Faça-se a luz. [...] E disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”.

Nesses versículos do texto sagrado, evidencia-se que o que é dito faz o curso das coisas – ato de fala que instaura mundos. Pelas metáforas bíblicas, a palavra está na essência do homem desde a sua gênese, ou seja, faz parte do seu ser – o criado, participando por isso mesmo da essência do Criador/verbo. O fato de originar-se da palavra faz com que por si só já se constitua também como linguagem, conforme Benjamin (2011, p.62):

O homem é aquele que conhece na mesma língua em que Deus cria. Deus criou o homem à sua imagem, criou aquele que conhece à imagem daquele que cria. É por isso que, quando se diz que a essência espiritual do homem é a linguagem essa frase precisa de uma explicação. Sua essência espiritual é a linguagem em que ocorreu a Criação. A Criação ocorreu na palavra, e a essência linguística de Deus é a palavra.

Para Fiorin (1996, p. 11), “Deus cria o homem falando”, assim como cria o cosmo a partir do caos por um ato da linguagem: “É esta que dá sentido ao mundo. O poder criador da divindade é exercido pela linguagem, que tem, no mito, um poder ilocucional, já que nela e por ela se ordena o mundo”.

É também através da palavra que a humanidade se constitui, construindo e narrando sua história, a tradição, a cultura, a memória. Ainda remetendo ao texto bíblico, vemos Adão descobrindo o mundo e passando a nomear os seres, entrando, pois, também ele no universo da linguagem (FIORIN, 1996). Apenas como narrativa mítica, porém, podemos conceber esse momento inaugural, *fiat lux* da cultura. Conforme Benveniste (2005, p. 285), não é possível sequer pensar a noção de humanidade anterior à linguagem, assim como não se pode conceber a própria noção de subjetividade fora da relação com a alteridade:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca a inventando. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.

A linguagem é, pois, constitutiva do sujeito, inscrição do humano no universo da cultura. Ocorre, contudo que, em função da supervalorização da escrita sobre o oral, práticas ancestrais de uso da linguagem foram sendo desprezadas, o que fez com que se perdessem formas particulares de existir e expressar-se nela. Segundo Hampatê Bá (2010, p.168), “nas sociedades orais [...] não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é”.

Não se trata de discutir a dicotomia entre oralidade e escrita, até porque se deve compreender essa relação a partir de um contínuo, mas repensar o papel da oralidade num momento em que a humanidade privilegia a escrita e suas complexas relações com o não verbal, abafando a fala e seu alcance, sobretudo em relações face a face e suas implicações sobre a ordem do sensível. Trata-se de refletir sobre o papel nesses tempos tão confusos

em que o entendimento e as interações têm se tornado tão complexos e que a vulgaridade ou a mentira subtraem a força poética do verbo, como expressa Andresen (2015, p.78):

Pois é preciso saber que a palavra é sagrada/Que de longe muito longe um povo a trouxe/E
nela pôs a sua alma confiada/De longe desde o início/O homem soube de si pela palavra/E
nomeou a pedra a flor a água/E tudo emergiu porque ele disse.

Dentre os usos da oralidade em sua natureza poética, encontra-se a imemorial prática da contação de histórias. Remonta à época em que as pessoas se juntavam, em volta de uma fogueira, para falar do dia de trabalho, das alegrias, tristezas, projetos de vida, sonhos. Também narravam histórias antigas, passadas de pais a filhos, para todos os presentes. Comungavam as alegrias, tristezas esperanças e trocavam experiências. Através da palavra oral, as pessoas interagiam e se fortaleciam para enfrentamento do que estava por vir. Trata-se de uma tradição antiga, ainda comum em algumas comunidades e em que a tradição oral é evidenciada. Conforme afirma Patrino (2005, p.105):

Contar é prática antiga. Nós encontramos tal prática em todas as partes do mundo, afirmam os poetas e os profetas. A literatura oral transmite de indivíduo a indivíduo, de povo a povo, o conto que se constitui algo indispensável à vida e que os homens através dos tempos selecionam pela experiência.

Desse modo, pensar a contação de histórias é reencontrar a tradição oral, a arte da palavra que acalenta que encanta, que desperta e aguça o imaginário, que estimula a criatividade e alimenta a esperança, na exploração máxima de efeitos estéticos da linguagem. Seu alcance vai além do que se convencionam as formas de conhecer de nossos dias que prefiguram o homem como fragmentado, como se as vivências e aprendizagens das várias áreas do conhecimento tivessem que ser separadas, categorizadas, sem espaço para a ordem do estético e do sensível. A tradição oral, segundo as fontes africanas, nas pesquisas de Hampâté Bá (2010, p.169),

é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconserta a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo ao entendimento dos homens, revelar-se de acordo com as aptidões humanas.

Como a tradição oral consegue falar deste homem num sentido universal, buscando sua essência, precisamos revisitá-la, estudá-la, reconhecê-la e trazê-la para os diversos grupos, pois é uma das formas do homem conhecer-se, entender seu papel e o porquê de estar aqui, a sua própria história, como salienta Hampâté Bá (2010, p. 184):

De todas as “Histórias”, a maior e a mais significativa é a do próprio Homem, simbiose de todas as “Histórias”, que segundo o mito, foi feito com uma parcela de tudo que existiu antes dele. Explica-se tanto o simbolismo de seu corpo quanto a complexidade de seu psiquismo:

“As pessoas da pessoa são numerosas no interior da pessoa”, dizem as tradições bambara e peul.

Se o homem tem uma história, a busca pela compreensão de sua existência começa pela contação seu próprio percurso e, dentre todas as diversas identidades que temos, a de contador de histórias é uma que está em nosso âmago. Assim, tomar a palavra, contar a história, a começar pela história de sua própria vida, é o primeiro passo que antecede tantos outros para o encontro da compreensão da existência neste mundo, o explicar de estar aqui, tentar compreender aonde se vai, o que se busca a cada passo dado. Narrar, como afirma Patrino (2005 p.105), “É colher os fatos da própria experiência transformando-os em experiência para os ouvintes, o ato de narrar significa também o encontro com os mistérios que envolvem o homem e a vida nos diversos momentos de sua existência.”.

Trata-se de uma relação em que não pode prevalecer a assimetria de um dominador e um dominado, o que sabe e tem com o que não sabe e não tem. É bem mais profundo, como havia assinalado Larrosa (2004 *apud* Giuliano Tierno, 2010, p.18):

E isso na medida em que esse encontro não é nem apropriação, nem um meio reconhecimento em que se encontra aquele que já sabe e que já tem, mas um autêntico cara a cara com o enigma, uma verdadeira experiência, um encontro com o estranho, e com o desconhecido, o qual não pode ser reconhecido nem apropriado.

Todos somos contadores de histórias, todos temos algo a narrar, como afirma Patrino (2005, p.106) ao dizer que “contar e recontar tudo” significa partilhar a lembrança das experiências do cotidiano e a sabedoria adquirida ao longo da vida e isso não tem idade. Na seção seguinte, vamos mostrar como essa prática adquiriu lugar em um projeto desenvolvido no ensino médio, analisando relatos da vivência por parte de alunos.

3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A LEITURA DE ROMANCES: CAMINHO PARA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LEITOR NO ENSINO MÉDIO

A prática da contação de história atrelada à leitura de romances da literatura clássica, principalmente a brasileira, foi um desafio proposto às turmas finais do ensino médio de uma escola pública com o objetivo de proporcionar a possibilidade de diálogo com a teoria a partir dos depoimentos de estudantes que participaram do projeto de leitura nos anos de 2017 e 2018.

Esse projeto de leitura, resultado das aulas de língua portuguesa, mais especificamente das aulas de literatura, teve como objetivo fomentar a leitura entre os estudantes como fator imprescindível na constituição do sujeito leitor. Não compreendemos como tal apenas o leitor da palavra escrita, mas concomitantemente, também, o leitor do mundo, da realidade que nos cerca, principalmente em tempos nos quais a realidade nos é apresentada mediante uma confusão entre fatos e factóides.

Reporto-me à necessidade de ampliação do conceito de leitura, fundamentada na leitura que tem início com o conhecimento da realidade de mundo e é mediada pela

linguagem com o intuito de facilitar a compreensão e interpretação dos diversos tipos de textos, verbal, não verbal, icnográfico, e da realidade circundante. Aqui tomo as palavras de Freire (1989, p.13-14) quando afirmou que

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Falar de leitura, numa época do imediatismo, do apelo visual dinâmico, para adolescentes e jovens de escolas públicas tornou-se um desafio árduo. As resistências são as mais diversas. Inicia-se pelo núcleo familiar que não propicia um ambiente leitor para a estimulação dessa prática, em função de exclusões históricas que definem de antemão quem terá ou não acesso à leitura. Por extensão, o outro espaço – a escola – que deveria dar continuidade, tem um trabalho fragmentado, ou quando muito seguindo uma didatização que não contribui para a formação do gosto pelo literário.

Assim, no contexto escolar, a leitura tem sido reduzida a uma dimensão de ordem mais pragmática que se afasta da dimensão propriamente sensível. Não se tem priorizado um trabalho de leitura que leve ao encantamento, ao deleite da palavra. Assim, ler para muitos se tornou enfadonho e sem sentido.

Ainda são insuficientes as buscas por vias que levem os jovens e adolescentes a se sentirem instigados e desafiados a embarcar nesse mundo. O que se tem são leituras superficiais diante da diversidade de textos lidos em curtos espaço de tempo, predomínio de fragmentos, atenção à estrutura. Além disso, opera a indústria editorial, conforme Lajolo (200, p. 105):

A atividade de leitura, que, em suas origens, era individual e reflexiva (em oposição ao caráter coletivo, volátil e irrecuperável da oralidade dos poetas e contadores de histórias), transformou-se hoje em consumo rápido do texto, leitura dinâmica que, para ser lucrativa, tem de envelhecer depressa, gerando constantemente a necessidade de novos textos.

A simplificação do ato de leitura, a ampliação estatística da produção editorial contrapondo-se à difícil acessibilidade, consequência dos altos custos de livros, são também impedimentos no processo de formação leitora de grande parcela da sociedade. Livro tornou-se objeto caro para consumo e apesar do *boom* da biblioteca digital, ler continua sendo privilégio de poucos.

Consciente dessa realidade leitora da maioria dos adolescentes e jovens, o projeto de leitura anteriormente citado construiu-se como desafio que consiste na leitura de romances, preferencialmente da literatura brasileira, após estudo dos movimentos literários. Em nossa prática, inicialmente os títulos são apresentados e até dois estudantes podem ler o mesmo livro. Estabelece-se um prazo para leitura, e a contação da história do romance é forma de socialização da história.

As professoras são as primeiras a iniciar a contação que perpassa por dois momentos: o primeiro, a contação com o objetivo de atrair os estudantes a buscar um

romance para leitura; e o segundo, a percepção da contação de histórias como uma atividade que utiliza de recursos tão pouco valorizados e respeitados em nossos tempos, a oralidade e o imaginário. Na vida cotidiana tudo vem pronto, não há, nem se deixa espaço para o livre imaginar de cada sujeito. A tentativa de fugir desta imposição visual é lançada aos estudantes através da prática das professoras em contar a história de um dos romances, o que nos remete a Moraes e Gomes (2012, p.71) ao falar da contação como

O requisito de um anúncio sedutor, que convida a seguir buscando o livro ou o autor, faz a glória de um contador: sensível, ele precisa captar uma leitura sua, convincente do texto para disponibilizá-la ao ouvinte, que, não podendo recorrer ao texto em si, na hora, recorre ao imaginário que se impregna de visões e sensações comoventes.

A contação de histórias aqui não está presa a formas da tradição oral, e segundo Matos (2014, p. 117) “uma vez que o novo contador não recebeu os contos como herança, ele precisa ir ao encontro deles, entrar na floresta dos livros”.

O ato de contação das professoras após a leitura dos romances, reforça e respalda o envolvimento dos estudantes no projeto de leitura e contação. Nesse jogo de ler e contar, nenhuma das ações se sobrepõe a outra. As duas se equivalem nesse contexto atual porque as duas se auto recuperam no objetivo proposto: leitura e contação na formação do sujeito leitor. O ato de ler é inicialmente solitário, individual, mas há uma necessidade de se compartilhar essa experiência, socializar, dividir com alguém as descobertas e as novidades a partir do olhar de quem o realiza muito oportuno em Yunes (Barthes, 1996 *apud* Gomes e Moraes, 2012, p. 71)

O texto ecoa, mas, como a leitura, é efêmero e evanesce, dependendo de ter tocado o ouvinte para desencadear a fruição de que falava Roland Barthes (1996). No silêncio, vai se desenhando a narrativa pela voz do contador e pelo repertório anterior do ouvinte. O encontro não se dá como em um círculo de diálogo, mas no silêncio que se faz cenário para a explosão da palavra e amplia os horizontes do mundo, quase imediatamente.

Associar a prática de contação de histórias à leitura de romances literários no ensino médio é uma forma de trazer a oralidade letrada para a sala de aula, já que o conto das tradições orais não teve acesso aos ambientes escolares por muito tempo e os contadores de história ficaram à margem, em locais em que a prevalência da tradição oral mantém espaço para audição popular.

Tal estratégia nos leva a Yunes (*apud* Gomes e Moraes, 2012, p.71) quando afirma que “O contador é um narrador que sabe toda a história (é uma terceira pessoa)”. Aqui já temos menção ao novo contador, o contador do final do século XX, que tem nas produções literárias seu material de contação.

Trabalhamos com os depoimentos de alguns estudantes que participaram do projeto *Leitura e Contação de histórias* durante os anos finais do Ensino Médio (2º e 3º anos) em 2017 e 2018. Em alguns casos, tivemos a participação de estudante oriundos de outra instituição, participando apenas da etapa do terceiro ano. Os depoimentos foram feitos por meio de relato escrito ou áudio pelo WhatsApp. O *corpus* apresentado foi reproduzido conforme registros dos participantes.

No depoimento da estudante I (assim vamos designá-la por motivo de preservação da pessoa) 18 anos, conluente da educação básica no terceiro ano do ensino médio, sua experiência de leitura foi a primeira realizada em toda sua vida. Essa estudante é oriunda de outra escola e não participou da primeira etapa do projeto, desenvolvida no ano anterior. Percebemos que a dificuldade com a palavra não se restringia apenas à leitura e compreensão, mas ao uso da mesma durante a contação:

Minha experiência começou com a leitura do romance de Clara dos Anjos. Foi um pouco chocante porque eu nunca tinha lido um livro daquele tipo e encontrei dificuldades em algumas palavras que não estavam no meu vocabulário, dificuldade, um pouco de entender a história – um pouco embaraçosa. Por conta disso eu não contei a história muito bem. Mas eu gostei da história, só não gostei do final. Mas gostei que mostrou a realidade do Brasil que nunca mudou contra negros, pobres, prostituta (Texto coletado por meio de áudio, enviado pelo *Whats.App* em 30/01/2019)

No depoimento, dois aspectos intrigantes podem ser observados, tendo em vista a série da estudante: a estranheza quanto à leitura de um romance - “nunca tinha lido um livro daquele tipo”. A estudante não tinha hábito de ler nenhuma obra da literatura brasileira, levando-a a ter dificuldades e até estranhamento ao ter contato com a própria língua. Um segundo aspecto por ela ressaltado foi a dificuldade na compreensão da leitura “dificuldade, um pouco de entender a história – um pouco embaraçosa”. Notamos que a dificuldade de compreensão também está atrelada à limitação do domínio vocabular e emerge, a nosso ver, do trabalho fragmentado que é realizado em muitas aulas destinadas à literatura na educação básica. A partir disso, os dois aspectos refletiram negativamente durante o uso da palavra oral, na contação da história. A pouca prática de leitura foi demonstrada pela dificuldade vocabular, tão latente que a estudante emprega a palavra “embaraçosa”.

Com a estudante II, 17 anos, também conluente da educação básica no terceiro ano, o relato apresentou sua experiência leitora no projeto vivenciado em dois momentos: no segundo ano, quando leu um romance de Machado de Assis, e no terceiro ano, quando leu Lima Barreto. As dificuldades com o léxico também são pontuadas, mas a resolução se dá pela busca da apreensão da palavra na consulta ao dicionário e sua incorporação:

Minha experiência de ler um romance foi totalmente surpreendente, porque eu nunca tinha lido. No segundo ano, quando meu primeiro livro foi Helena, de Machado de Assis, este foi o primeiro livro que eu li. E eu tive logo um choque, porque eu nunca tinha lido um livro completo, assim grande. A forma dele escrever é literalmente culta, ele usa muitas palavras complexas que no dia a dia você nem ouve, nunca ouve, até pessoas que são formadas não costumam falar. Eu tive muitas dificuldades, então era o livro de um lado e o dicionário do outro. Era constantemente traduzindo as palavras, traduzindo tudo que tava escrito, eu não entendia quase nada, e eu demorei bastante para ler o livro” (Texto coletado por meio de áudio pelo *Whats.App* em 23/01/2019)

Os dois depoimentos se centram na dificuldade da compreensão do léxico, mas sabemos que há outros aspectos que produzem esse estranhamento com textos clássicos da literatura brasileira produzidos no século XIX. Há uma outra sintaxe, um trabalho

sofisticado com a linguagem, um cenário distinto, a complexidade dos personagens e das tramas que demandam mais do que a compreensão vocabular e, por isso mesmo, implicam a mediação do docente.

O estudante III fazia parte do grupo, 17 anos, participou do projeto desde o início quando ainda cursava o segundo ano. O empecilho inicial, conforme relatou o discente, perpassou pelas palavras quanto ao uso e a interpretação:

A partir do meu segundo ano do ensino médio fui apresentado aos romances literários. Até então não sabia como ler e nem como interpretar aquela trama com palavras que não fazem parte do meu cotidiano (Texto coletado por meio de relato escrito pelo *Whatsapp* em 18/01/2019)

Percebe-se nos três casos o quanto a palavra comprometeu inicialmente a interação das estudantes com os textos, mas, superada a fase de apropriação da palavra, o estágio seguinte, relativo à compreensão e interpretação da narrativa, foram se ajustando.

O relato da experiência com a leitura do romance para o estudante IV não denunciou nenhuma dificuldade com as palavras, mas um estranhamento por ter que ler um livro, situação nunca vivenciada antes:

Em 2016/2017 no 2º e 3º anos, tive o prazer de participar das atividades de leitura, onde fui apresentada aos livros. [...] Pensei que seria impossível realizá-la, já que não tinha nenhuma intimidade com a leitura. Então o primeiro livro veio, fiquei dois dias olhando para ele sem conseguir abri-lo, para mim era como um bicho de sete cabeças (Texto coletado por meio de relato escrito pelo *WhatsApp* em 21/01/2019)

Os termos empregados pela estudante confirmam a ausência da prática de leitura literária. O livro é ali figurativizado pela metáfora de um “bicho de sete cabeças”, como um objeto desconhecido e de algum modo ameaçador que a leva a retardar o efetivo encontro. Essa pouca familiaridade com os livros se faz presente ainda quando diz que “foi apresentada” a eles, o que parece absurdo considerando estar num estado avançado de escolarização. Que foi feito da literatura nos anos que antecederam à vivência do projeto?

Para a estudante V a proposta de leitura e contação de história foi uma atividade que proporcionou novos conhecimentos e satisfação. Segundo seu relato, reconheceu que a leitura da obra pode ofertar condições para fazer uma leitura mais crítica da realidade, a leitura do mundo.

A minha melhor experiência escolar foi a leitura e contação dos romances. [...] conheci um pouco mais a riqueza de uma boa obra literária, alguns podem até achar chato e sem graça, mas na verdade essas obras trazem vários assuntos humanísticos e contemporâneos que podem abrir nossos olhos diante da realidade que vivemos (Texto coletado por meio de relato escrito pelo *WhatsApp* em 23/01/2019)

Há, portanto, para o docente que visa à formação de leitores mais do que o desafio imposto pela relação com a linguagem mesma: trata-se do desafio da inserção da leitura na cotidianidade dos estudantes, como se dá com outras práticas culturais. Do ponto de

vista da oralidade, a necessidade do engajamento dos leitores com a produção de sentidos para os textos se faz obrigatória porque devem saber também contar, o que implica levar em conta a presença do outro. É necessário compreender bem para melhor contar, o que corrobora com Tierno (2010, p.17) quando disse que “o instante de narrar estas experiências em forma de estruturas narrativas ao outro que está fora de mim [...] Iniciamos o processo complexo da alteridade”. É o contar, é o expor-se ao outro, mas sem saber quem é o outro, e até a si próprio no processo constante de autoconhecer.

Ocorre então “instante do encontro”, em que o diálogo vai além do que o contador pode prever ou preparar, segundo Tierno (2010 p. 18): “o contador de histórias não pode perder a dimensão real de estar diante dos ouvintes para expor e não impor uma narrativa. Partindo da atitude de exposição [...] a atitude de imposição gerará uma intransigência na escuta do ouvinte”, o que resultará na insatisfação e indiferença com a história.

Os estudantes III, IV e V relataram a satisfação em partilhar os novos conhecimentos e sentimentos, relatos que nos reporta a Matos (2014, p.13 citando Hampâté Bâ) ao dizer que “a tradição oral repousa sobre uma certa concepção do homem, de seu lugar e de seu papel no seio do universal.”

Percebemos nos cinco casos que a experiência foi enriquecedora, por envolver não apenas a questão da memória da leitura, da cognição mesma, mas por compreender ainda as emoções. Para o estudante I, mesmo com dificuldades de compreensão, sua leitura possibilitou a reflexão sobre aspectos sociais: “Mas gostei que mostrou realidade do Brasil que nunca mudou contra negros, pobres, prostitutas”. Para a estudante II, a experiência de contar envolveu a superação de medos (de não lembrar, de estar de frente a uma plateia, de não saber apresentar-se):

E a contação da história do meu primeiro livro foi trágica, porque eu ia contar com outra pessoa, e nesse dia a outra pessoa ficou sem voz, no dia da apresentação. E eu tive que contar literalmente tudo, e eu tava assim eufórica, porque o tempo tava passando e eu não tava conseguindo lembrar de todas as coisas. Na verdade, não, até que consegui lembrar, mas foi um pouco difícil porque eu nunca tinha contado uma história na frente de todo mundo. Foi uma experiência que eu não quero perder em minha vida, porque tudo me construiu, e hoje eu consigo, ainda bem, apresentar qualquer coisa e não me sentir intimidada (Estudante II- Texto coletado por meio de áudio pelo *WhatsApp* em 23/01/2019)

Para o estudante III, ler possibilitou uma experiência “surreal” de viagem no tempo:

A oportunidade de absorver tudo isso e passar esse conhecimento através da contação, e assim fazer com que outras pessoas possam compartilhar desse mesmo mundo, é muito gratificante. Valeu muito a pena cada livro que li, cada página que voltei por não entender as palavras, e foi surreal poder voltar em épocas passadas e viver um pouco da realidade de cada personagem (Estudante III- Texto coletado por meio de relato escrito pelo *WhatsApp* em 18/01/2019)

É a emoção de narrar que se confirma ainda relatos dos estudantes IV e V. Para o primeiro, há uma “sensação incrível que só a leitura pode dar”, o que contribui para que

essa prática possa ser incorporada a sua vivência cultural, o que tem como consequência o enriquecimento subjetivo. Para o segundo, trata-se de um momento de partilha de emoções, o que mostra que o sujeito permitiu-se ser afetado pelo texto. É preciso compreender, mas também sentir, para poder ler e afetar o que escuta:

A contação também foi um grande obstáculo, já que não tinha feito nada parecido na minha vida estudantil. Mas quando comecei a contação parecia que eu estava lendo o livro na minha frente, uma sensação incrível que só a leitura poderia dar. Depois dessa leitura não parei mais, encontrei na leitura um grande amigo. (Estudante IV- Texto coletado por meio de relato escrito pelo *WhatsApp* em 21/01/2019)

A contação é um dos melhores momentos, pois você vai poder compartilhar toda a emoção que sentiu ao ler a obra e deixar o ouvinte envolvido na história (Estudante V- Texto coletado por meio de relato escrito pelo *WhatsApp* em 23/01/2019)

Assim, pelos depoimentos, acreditamos que é possível conjugar diferentes práticas de escolarização da leitura. É preciso ler e saber decodificar, tendo acesso a códigos distintos daqueles de uso mais pragmático do nosso cotidiano. É preciso redescobrir outras palavras, outra sintaxe, outros usos que só mesmo apreendidos no contato com o universo literário. É preciso ir além do código, da superfície, da aceleração, no processo de entrega ao gesto de produção de sentido, encontrando no mundo literário o nosso mundo ou outros possíveis apenas pela e na linguagem. É necessário compreender para contar, com um recorte particular, já atravessado de muitas leituras. E é possível ao longo do processo ainda emocionar-se, podendo, quem sabe, também contagiar o outro pelo gosto do texto, da palavra, da literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, através dos depoimentos, que os estudantes vêm de uma realidade que já se tornou o perfil de muitos jovens e adolescentes: pouco contato com a leitura de livros, limitação no uso da oralidade pela limitação vocabular e dificuldades em socializar informações, conhecimentos em público.

Notamos que a contação de histórias foi uma atividade que desafiou os estudantes a saírem da zona de conforto, deu uma significação diferente ao projeto de leitura que é a base do trabalho aplicado nas aulas de literatura. A participação dos estudantes do segundo ano, no projeto de leitura, foi colocada como exigência para a turma; no terceiro ano o aluno escolheu se queria ou não participar do projeto de leitura e contação de histórias. Ressaltamos, nesse sentido, que a adesão foi grande.

No final deste trabalho, percebemos que a contação de histórias, atividade humana que acontece há muitos séculos, pode, deve e precisa ser mais praticada pelos estudantes como também pelos professores. Tanto ler quanto contar agrada a todos que se aproximam e se apossam dessas atividades e, por isso mesmo, não devem ser restringidas ao espaço escolar. A realização dessa atividade, principalmente a partir da leitura de romances, aqui apresentada, foi resultado do projeto de leitura e agora analisada é uma

forma de despertar nos jovens a vocação mais antiga do ser homem, para interagir com o seu meio – a narrativa.

Contar história dos romances lidos é a moeda de duas faces desse projeto: o caminho para estimular, desafiar os estudantes à leitura dos romances; e a praticar uma das atividades mais antigas da humanidade – a contação de história.

A realização do projeto mostrou o quanto a leitura e a oralidade têm sido comprometidas pelo não domínio da palavra, sendo esta o meio de interação do homem com o mundo simbólico e real. A palavra que deveria ser o meio de acesso e realização das pessoas tem se tornado um empecilho a retardar ou até mesmo impedir-lhes o avanço como sujeito leitor. Retomá-la de forma mais constante, intensa por meio de leituras e contação é um provável caminho para constituição do sujeito leitor.

Sob a luz das teorias aqui estudadas, podemos inferir que a contação de histórias e leitura são atividades que colaboram para o processo formativo do leitor, proporcionando-lhe uma visão de mundo e de si mais ampla. Embora o resultado seja satisfatório, seu alcance ainda é discreto com possibilidades de se conseguir maior extensão. Mas é necessário que, mais que estimular, o professor precisa ser o leitor e contador, a fim de que possa envolver seus estudantes não apenas com argumentos, e sim com a prática. Porque o envolvimento só se tornará possível se a leitura e a oralidade forem práticas mais constantes no espaço escolar para que a partir desse exercício, ultrapasse os muros da escola e tornem professores e alunos também sujeitos e construtores da própria história.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Melo Breyner. *O nome das coisas*. Disponível em: www.encontro2014.sp.anpuh.org/.../1406766054_ARQUIVO_ELOISAARAGAOAR > Acesso em :15 fev. 2019

BÁ, Hampaté. *A tradição viva*. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf > Acesso em: 10 fev. 2019

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. *I epístola de São João*. São Paulo: Ave Maria, 1971.

BÍBLIA SAGRADA. *Gênesis*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1971.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Editora Cortez, 1989.

GOMES, Lenice, MORAES, Fabiano (Orgs.). *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneos e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000.

MATOS, Gislaine Avelar. *A palavra do Contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2014.

PATRINE, Maria de Lourdes. *A renovação do conto: emergência de uma prática oral* São Paulo: Cortez, 2005.

TIERNO, Giuliano. *A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática*. São Paulo: Ícone, 2010.

Recebido em: 28/02/2020

Aprovado em: 07/06/2020

Publicado em: 20/11/2020